

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

Memórias em tempos de pandemia

na Aldeia Pataxó Sede em Carmésia (MG)

BELO HORIZONTE – MG

2021

Lárica Silva dos Santos

MEMÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA NA ALDEIA PATAXÓ SEDE
EM CARMÉSIA (MG)

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Paulo Maia

BELO HORIZONTE – MG

2021

*Dedico esse trabalho à Deus,
à minha família e a toda a minha
comunidade, principalmente os
que colaboraram diretamente e
indiretamente para que essa
pesquisa chegasse ao término com sucesso.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força, inspiração e determinação para que eu concluísse esse trabalho.

Ao meu filho Ekewakã Santos Nascimento, por ter suportado todos os momentos que estive longe por motivo dos estudos.

A minha mãe, Maria Dolores Silva dos Santos por ter me criado e me preparado para enfrentar todos os desafios vividos, por ter cuidado de meu filho juntamente com minha prima Hwanahara e meu marido, quando eu mais precisei.

Ao meu esposo, Yan Cruz a ser sempre o meu apoiador nas minhas conquistas, por ter a paciência e carinho de cuidar do nosso filho nos momentos em que precisei me ausentar.

Leila Borges por me ajudar diretamente na produção de meu trabalho e o pastor Isaias por ter me ajudado na produção dele. As pessoas da comunidade que contribuíram diretamente e indiretamente nessa conquista.

Aos colegas de todas as outras licenciaturas, pela troca de experiência e companheirismo. Aos bolsistas e professores que nos auxiliaram de maneira esplêndida para o nosso crescimento acadêmico e melhor adaptação.

Aos meus amigos e professores da turma CSH, que nos faz sentir abraçados e apoiados quando mais sentimos saudades de casa, pela amizade criada em nossa turma, pelas brincadeiras e puxões de orelha.

Ao bolsista Matheus Machado, que me auxiliou com muita paciência no processo para término de minha pesquisa acadêmica.

Meu professor e orientador, Paulo Maia, por ter conduzido com dedicação e perseverança para o término do meu percurso acadêmico.

Muito obrigado a todos...Nitxi Awêry!!!

RESUMO

Este trabalho é o registro de um período de pandemia dentro da Aldeia Pataxó Sede (MG), registros de momentos vividos pela comunidade que não podia sair para fora da aldeia. Toda a comunidade teve que mudar sua metodologia de vida e de ensino, buscando vivências que já não eram praticadas, mas que não estavam mortas, apenas adormecidas.

Essa pesquisa foi feita através de registros de fotos, vídeos e escrita, que juntos formaram esse trabalho de memórias que poderá ser usado sempre que necessário para não ser esquecido esse período crítico em que nossa comunidade se encontrou durante essa pandemia que afeta todo o mundo.

Nesta pesquisa contei com a participação de quase todos os moradores da aldeia, direta e indiretamente, o objetivo principal foi a coleta de registro e memórias de um povo que buscou aprender hábitos que pudessem ajudá-los durante esse período. A partir deste trabalho foi possível perceber que estamos em constante aprendizado e ensinamento, pois sem nem mesmo perceber estamos aprendendo o que não sabíamos e ensinando o que sabemos, de forma prazerosa.

PALAVRAS-CHAVE: pandemia; memória; comunidade indígena; educação indígena; Pataxó

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Fonte: Leila Borges.....	12
Imagem 2- fonte: Yan Cruz.....	13
Imagem 3- Fonte: Yan Cruz.....	13
Imagem 4- fonte: Láríca Silva.....	14
Imagem 5- fonte: Láríca Silva.....	14
Imagem 6- fonte: Yan Cruz.....	15
Imagem 7- fonte: Yan Cruz.....	15
Imagem 8- fonte: Yan Cruz.....	15
Imagem 9- fonte Láríca Silva.....	16
Imagem 10- fonte Láríca Silva.....	16
Imagem 11- fonte Láríca Silva.....	16
Imagem 12- fonte: Karen.....	18
Imagem 13- fonte: Juliana Borges.....	19
Imagem 14- fonte: Juliana Borges.....	19
Imagem 15- fonte: Juliana Borges.....	20
Imagem 16- fonte: Juliana Borges.....	21
Imagem 17- fonte: Juliana Borges.....	24
imagem 18- fonte: Láríca Silva.....	25
Imagem 19- fonte: Láríca Silva.....	26
imagem 20- fonte: Láríca Silva.....	26
imagens 21- fonte; Láríca Silva.....	27
imagem 22- fonte: Láríca Silva.....	27
Imagem 23- fonte: Láríca Silva.....	28
Imagem 24- fonte: Láríca Silva.....	29

Imagem 25- fonte: Lárca Silva.....	30
Imagem 26- fonte: Valmores.....	31
Imagem 27-fonte: Valmores.....	32

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Minha trajetória	10
Metodologia.....	12
1.Tempos de Pandemia, o ano de 2020.....	12
1.1. Memórias do primeiro ano de pandemia	14
2. Tempos de Pandemia, o ano de 2021 e a chegada da vacina	24
2.1 Memórias do segundo ano de pandemia	25
Considerações Finais	34

INTRODUÇÃO

O meu tema de trabalho de percurso é sobre essa pandemia que nos cerca e nos atormenta no momento. O tema foi escolhido depois de uma conversa feita com meu orientador Paulo Maia, quando me foi sugerido fazer uma espécie de diário sobre a vivência da comunidade durante esse tempo de pandemia.

Antes de eu escolher esse tema, eu já tinha uma outra pesquisa em mente, que seria também sobre o território onde vivo, mas com outro objetivo e título, era buscar saber mais sobre a chegada do meu povo à essa terra, saber o porquê que eles saíram da Bahia para vir para cá, em Minas Gerais. Também gostaria de contar sobre a história de vida do meu tio Manoel Ferreira que foi o fundador dessa aldeia em que vivo, o primeiro a vir para essa terra. Tudo já estava certo, que esse seria meu tema de pesquisa, já tinha até escrito um pouco, mas depois da conversa com o orientador de pesquisa, ele fez a sugestão de ser feito uma espécie de diário, uma memória sobre nossa vivência durante a pandemia do COVID-19. Logo fiquei curiosa sobre o que mais poderia ser feito através dessa ideia, pois a primeira aldeia a ser fechada os portões por causa da COVID-19, foi a aldeia Sede onde vivo. Percebi que poderia ser feito um bom trabalho sobre o assunto, então resolvi mudar meu tema de percurso, busquei todas as informações necessárias para ser feito um excelente trabalho de colheita de informações que ficaram como elemento de estudo e lembrete para as próximas gerações e quem mais se interessar por esse tipo de pesquisa.

Estes tempos de pandemia tem sido um momento de muito aprendizado uns com os outros, pois cada um tenta ajudar ao próximo da maneira que pode, podemos ver muitas produções e atividades que a muito tempo não eram mais vistas em nossa comunidade por causa da comodidade de se ter um emprego e ser assalariado. Muitas pessoas já não produziam roças e hortas, outras acabaram aprendendo coisas novas, tentando um tipo de renda nova. O momento é crítico por um lado, mas podemos tirar coisas boas disso tudo também, aprender a conviver melhor e passar mais tempo com os familiares que antes não era possível por causa da correria do dia a dia, ter o cuidado com sua vida, mas mais ainda com nossos mais velhos que são nossos alicerces, disso tudo podemos tirar um exemplo e aprendizado para levar para a vida.

Tenho aprendido bastante e pretendo aprender cada vez mais, principalmente com relação aos nossos direitos dentro da política, sempre lutando contra todos os retrocessos que nos afetam como indígenas, sobre a educação escolar indígena que também foi um

dos meios mais afetados durante essa pandemia, o direito de lecionar para nossos alunos em sala de aula e ter as nossas aulas práticas culturalmente que nos fazem muita falta, e também não esquecendo da nossa saúde indígena que está sendo também bastante prejudicada, onde esses retrocessos que estamos sofrendo, só vem para tirar o que já temos por lei, nossos direitos. Então venho buscar dessa pandemia somente os pontos que me fazem crescer como ser humano, buscando ajudar e ensinar aqueles que precisam de mim de alguma forma. E com isso busco deixar registrado memórias de um período bastante crítico que poderá ser sempre lembrado.

Minha trajetória

Meu nome é Lárica Silva dos Santos, tenho 25 anos de idade, nascida em 11 de maio de 1996, no município da Serra (ES). Sou filha de Maria Dolores Silva dos Santos e Egidio Bispo dos Santos. Trabalho na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá, como professora há quatro anos, iniciei como professora lecionando no ensino médio com as matérias de sociologia e filosofia, gosto bastante de trabalhar com jovens, o trabalho na escola é muito bom, pois todos ali somos família e buscamos ajudar uns aos outros, a escola está totalmente relacionada com a comunidade. Passo a maior parte do meu dia na escola, pois dou aula na parte da tarde e no período da noite. Sou residente da Aldeia Pataxó Sede (Guarani), localizada no município de Carmésia (MG).

Sou de uma família composta por dois irmãos mais velhos do que eu, o primeiro é Leonardo Silva dos Santos, somos colegas de profissão na mesma escola, ele tem uma família composta por sua esposa e dois filhos, e o segundo é o Luan Silva dos Santos, que no momento não tem emprego fixo e mora com minha mãe ao lado da minha casa.

Vim morar na aldeia com 2 anos de idade, onde aprendi tudo que sei sobre minha cultura, pois foi aqui que cresci e estudei a maior parte da minha vida. Iniciei minha vida escolar aos 3 anos de idade na escola da aldeia, que é onde eu trabalho hoje, brincava muito com meus colegas e primos na escola. Tínhamos muitas brincadeiras que hoje não vejo as crianças brincarem, tipo, caiu no poço, rouba bandeira, cobra cega, e entre outras mais.

Com 6 anos de idade tive que morar com meus avós maternos e tios, pois minha mãe e meu pai separaram, minha mãe teve que sair para trabalhar no Espírito Santo para nos dar uma melhor condição de vida, meu pai acabou indo embora para o Rio de

Janeiro, onde ele foi e só voltou morto depois de 5 anos fora. Morei bastante tempo com meus avós, eles me tratavam muito bem, tentavam não deixar faltar nada para mim e meus primos que moravam com eles também, meus primos também eram as melhores partes de ter vivido com eles, pois éramos e somos até hoje muito unidos.

Depois dos 8 anos voltei a morar com minha mãe novamente, mas nunca deixei de frequentar a casa da minha avó todos os dias, pois meu primos moravam lá ainda, assim foi minha infância na aldeia.

No 8º ano de escolaridade, tive que mudar de escola, fui estudar na Escola Municipal Cônego Bento, localiza na cidade de Carmésia (MG), a escola nessa época só ia até o fundamental, anos finais, depois que terminei o fundamental, continuei estudando na cidade, porém, na Escola Estadual “José Viera da Silva”.

Quando eu estava no 2º ano do ensino médio comecei a namorar e no ano seguinte já no 3º ano me casei no ritual da festa Awê Heruê Hun Niamissum, realizada na aldeia sede, casei-me com meu marido Yan Cruz Nascimento no ano de 2014. Ele também é meu colega de profissão na escola, temos um filho de 6 anos de idade, chamado Ekewakã Santos Nascimento, ele nasceu no dia 20 de novembro de 2014, no período final de estudo do ensino médio, mesmo assim não desisti de terminar meus estudos, conclui e me formei com meu filho em meus braços e isso para mim e minha família, foi uma conquista muito grande.

Depois de alguns anos longe dos estudos, resolvi fazer uma prova para o curso de formação intercultural para educadores indígenas, o FIEI, na UFMG, consegui passar de primeira no ano de 2017 para a turma de Ciências Sociais e Humanidades (CSH), gostei bastante do curso, só não gostava de ter que ficar longe de casa e de meu filho, mas com a pandemia isso mudou, pois pude continuar com os estudos através do ERE(Ensino Remoto Emergencial), foi um pouco mais complicado, pois temos todos os outros afazeres domésticos, trabalho na escola e também ser professora do próprio filho além de mãe e sempre dar atenção a família.

No ano de 2018 meu marido conseguiu entrar para a nova turma de Matemática no FIEI, então logo tivemos que ir os dois para a faculdade e ter que deixar nosso filho na aldeia aos cuidados da minha mãe. Durante a pandemia temos a dificuldade de ter que dividir o tempo que estaríamos somente estudando lá, com ele, e a dificuldade de conexão, pois o estudo a distância nos exige uma boa conexão de internet. É difícil ter

somente que ficar na aldeia e não podermos ir até a faculdade para termos as aulas e ajuda dos professores e bolsistas presencialmente.

Metodologia

Meu trabalho foi feito através de um diário de campo com anotações e observações diárias de acontecimentos dentro da aldeia durante esses dois anos de pandemia. Procurei registrar momentos com escrita, fotos e relatos de pessoas da comunidade. Foi um trabalho com participação direta da minha família e de algumas pessoas da comunidade que aparecem nas fotos presentes neste trabalho, nem todas as pessoas que me ajudaram aparecem nas fotos.

Esse trabalho foi realizado durante o ano de 2020 até meados do ano de 2021, tempo da pandemia em nossa região. Todos os registros são, portanto, destes dois anos. Nesta pesquisa pude observar os desafios enfrentados pela comunidade e como muitos reagiram a esse período desafiador. Os desafios metodológicos, foram muitos, pois tive que fazer a pesquisa afastada da universidade, e é difícil, pois estando lá, as coisas parecem andarem conforme o necessário, e em casa, tendo que dividir tempo, com os familiares, com as coisas da comunidade, trabalho e principalmente filho, é muito difícil.

Tempos de Pandemia, o ano de 2020

Apesar de já termos notícias do COVID-19 pelo mundo, acreditávamos que iria demorar muito ou talvez nem chegaria aqui no país. O ano de 2020 começou com muitas expectativas de novos projetos, planejamentos para um ano produtivo. Iniciamos o ano letivo escolar na aldeia, juntamente com os preparativos para a festa Awê Heruê Hun Niamissun, que infelizmente tivemos que cancelar, e devido ao vírus ter chegado em nosso país, tivemos as aulas suspensas e a aldeia acabou por ficar com os portões fechados por tempo indeterminado. Vale notar que no nosso território, do lado de fora do portão da Aldeia Sede, existe também a aldeia Kanã Mihay, que juntamente com os homens de nossa aldeia também fecharam os portões devido a pandemia.



Imagem 1. Portões da aldeia fechados - Fonte: Leila Borges, 2020.

O medo de um vírus que se alastrava pelo mundo e estava matando muita gente chegasse em nossa aldeia era e é muito grande, um vírus que até então não tinha nenhum meio de amenizar suas avançadas, à não ser se prevenindo usando máscara, álcool em gel e evitando aglomerações. Não podíamos ir nem mesmo nas aldeias vizinhas sem a permissão da liderança da nossa aldeia e das outras aldeias, pois temos muitos parentes.

Outros meios que buscamos para nos mantermos saudáveis e um pouco distantes do vírus, foram com nossa medicina tradicional, com chás e banhos com ervas. Tomando todos esses cuidados durante um ano, conseguimos manter nossa aldeia sem casos de COVID-19, mesmo havendo casos no município e em aldeias vizinhas.

Durante esse período e tomando todos os cuidados necessários, a comunidade foi retornando a fazer algumas atividades que já não eram praticadas. Retornamos com roças comunitárias de feijão, milho e mandioca, tanto os homens, quanto as mulheres. Muitas pessoas que estavam sem tempo e sem disposição enquanto trabalhavam na escola e em seus serviços convencionais, puderam fazer muitas coisas que tinham

vontade. Hortas foram feitas e em meio a esse período turbulento acharam meios de conseguir uma renda extra. Uma situação que também nos deixou preocupados foi ter que ficar sem aulas, até que surgiu o projeto do PETI (Plano de Estudo Tutorado Indígena) proposto pela Secretaria Estadual de Educação (SEE-MG), onde os professores propõem atividades para os alunos fazerem em casa. Desse modo os alunos não ficariam tão prejudicados, tornando assim também os pais, professores dos próprios filhos. Relaciono essa situação dos meus alunos aqui na aldeia, com a minha, sendo aluna do FIEI, onde também tenho que estudar a distância através do Ensino Remoto, onde também temos dificuldades, principalmente de conexão e não podemos contar com o auxílio dos professores e bolsistas bem de perto.

Memórias do primeiro ano de pandemia

No dia 28/03/2020 recebi uma ligação do meu orientador Paulo Maia, pensei que seria uma ligação para saber como andavam as coisas da minha pesquisa para o percurso acadêmico e que ele me passaria algumas orientações para o andamento do trabalho. Mas para a minha surpresa, ele veio com uma ideia e sugestão muito boa, para que iniciasse um trabalho de memória ou diário com registro de acontecimentos na aldeia durante a pandemia. Assim, como já dito, decidi mudar meu tema de percurso para o "diário da pandemia" e recomecei meu trabalho do zero novamente.

Já no mês de março de 2020, como tínhamos bastante tempo vago durante o início da pandemia, surgiram várias ideias de produção que poderíamos estar fazendo durante esse tempo, para não ficarmos parados. Eu, meu marido e meu filho com cinco anos iniciamos o trabalho em uma horta, onde fizemos todo o trabalho manualmente, buscamos esterco, capinamos, cavamos e fizemos os canteiros.



Imagem 2 :preparação da terra. Fonte: Yan Cruz, 2020



Imagem 3: preparação da terra. Fonte: Yan Cruz, 2020

Depois de os canteiros prontos, iniciamos o plantio das sementes e das mudas e assim demos continuidade aos cuidados da horta, replantar as mudas, molhar e limpar em volta.



Imagem 4: horta familiar. Fonte: Lária Silva, 2020
Imagem 5: horta familiar. Fonte: Lária Silva, 2020

Como nossa roça ficava longe de nossa casa na aldeia, decidimos, eu e meu marido, fazer uma casa de barro, cortamos e carregamos madeira para montar a estrutura da casa. Desde que iniciamos a construção da casa, fomos quase todos os dias para a roça trabalhar, cortando madeira, limpando em volta, puxando madeiras e fazendo as amarrações.



Imagem 6: construção da casa de barro. Fonte: Yan Cruz, 2020



Imagem 7: construção da casa de barro. Fonte: Yan Cruz, 2020



Imagem 8: construção da casa de barro. Fonte: Yan Cruz, 2020

No processo do embarreio fizemos um mutirão com o pessoal da aldeia, assamos costelão para o almoço, dia bastante produtivo, pois embarreamos toda a casa, com participação de todos e com nossas crianças. Esse tem sido um processo muito bom, porque está sendo também um aprendizado para nossas crianças, pois a muito tempo não é feito em nossa aldeia, casas com estrutura de barro.



Imagem 9: momento de embarreio da casa. Fonte: Lárca Silva, 2020



Imagem 10: momento de embarreio da casa. Fonte: Lárca Silva, 2020



Imagem 11: momento de embarreio da casa. Fonte: Lárca Silva, 2020

O processo do embarreio, não é somente embarrar uma casa, esse processo todo serviu como uma aula para as crianças e também para alguns adultos que ali estavam e que não conhecia alguns processos que são necessários para a construção de uma casa de barro, como olhar em qual lua e mês estamos para a retirada da madeira, para não rachar e nem dar broca, olhar também a lua para o dia do embarreio, para que o barro quando secar não fique rachando. Então esse foi um momento de diversão sim, mas acima de tudo um momento de aprendizagem.

No mês de abril de 2020, especificamente no dia 03 de abril de 2020, houve uma reunião na aldeia com toda a comunidade, onde discutimos mais uma vez sobre a situação da pandemia, que somente crescia. Uma notícia de que uma cidade próxima do nosso município já teria dois casos confirmados, nos fez tomar medidas mais cuidadosas para nossa segurança. Por causa desses casos confirmados em Ferros-MG, decidimos escolher três pessoas da comunidade para estarem indo até a cidade, nas datas de pagamentos e compras, para receber o dinheiro das pessoas, pagar as contas e fazerem as compras de todos. Então esses três ficaram responsáveis pelos cartões, dinheiro e contas de toda a comunidade. Esse foi um meio que achamos melhor para evitar que as pessoas saíssem da aldeia e corressem o risco de serem contaminadas, trazendo o vírus para a aldeia.

Com a situação e o medo desse mal chegar em nossa aldeia, muitas pessoas ficaram muito aflitas e preocupadas, então decidimos fazer um chá somente com mulheres onde poderíamos dar apoio e uma palavra amiga. O chá aconteceu no dia 06 de abril de 2020, com dinâmicas, conversas e outras atividades, o intuito desse momento era reunir as mulheres e que pudéssemos estar ajudando umas às outras com palavras de incentivo pois algumas estavam bastante abaladas com a situação vivida.

Mesmo com a aldeia fechada por tempo indeterminado, podemos fazer visitas nas casas dos parentes e circularmos pela aldeia. Foi orientado a comunidade em reunião que não ficássemos comentando e nem compartilhando tudo o que ouvissem e vissem sobre o assunto COVID-19, pois nem todas as pessoas têm o mesmo psicológico para ouvir, por isso muitos estavam abatidos, além do problema com as fake News ou notícias falsas.



Imagem 12: chá de mulheres, aldeia Pataxó sede. Fonte: Karen, 2020

Foi um momento muito bom de compartilhar com todas que estavam presentes, podendo estar esquecendo por um momento de tudo que acontece pelo mundo afora e buscando nos fortalecer espiritualmente, para enfrentarmos tudo isso.

Ainda durante o mês de abril, os homens da aldeia se reuniram para dar início na roçagem para o plantio do feijão na roça comunitária, a roçagem foi feita na roça das mulheres, onde temos o plantio de mandioca. O plantio do feijão foi feito para toda a comunidade, pois sabemos que as coisas podem piorar com essa pandemia, devido a essa pandemia não estamos saindo da nossa aldeia, que graças a Deus não foi confirmado nenhum caso de COVID-19. A participação das mulheres nos trabalhos da roça se baseia por enquanto em preparar os lanches para os homens que estão trabalhando no pesado.

Como no início do ano as aulas começaram normalmente, a merenda escolar dos alunos foi comprada, e como as aulas foram suspensas, a liderança principal da aldeia, junto com alguns funcionários da escola se reuniram e dividiram a merenda escolar para os alunos, pois, a secretaria e o Estado já teriam ordenado a divisão, e assim ajudando no sustento das famílias durante esse tempo de pandemia, pois algumas pessoas da aldeia precisam sair para buscar o sustento de sua família, e como os portões da aldeia foram fechados, ninguém estava saindo, nem mesmo para trabalhar.

O trabalho de conscientização sobre a COVID-19 é feito pela equipe de saúde da aldeia, então na noite 12 de abril recebemos uma proposta feita pela enfermeira chefe do nosso polo, de fazermos um vídeo com algumas crianças da escola. No outro dia começamos os trabalhos dos professores, pais e equipe da saúde, para realização do trabalho de gravação com as crianças com relação ao COVID-19.



Imagem 13: preparação para gravação do vídeo.

Fonte: Juliana Borges, 2020



Imagem 14: preparação para gravação do vídeo.

Fonte: Juliana Borges,2020

Os alunos participaram do vídeo mostrando as formas de se evitar a contaminação, mostrando de uma forma em que seria fácil coisas que fazemos normalmente dentro da aldeia, que poderiam ser evitadas a fim de evitar a contaminação pela COVID-19. Uma forma de estarmos mais protegidos contra esse vírus, fomos informados pelo polo de saúde, seria vacinarmos contra a gripe, enquanto ainda não existia uma vacina contra a COVID-19. Então no dia 29 de abril de 2020 tivemos a vacinação de prevenção da gripe, para todos, adultos, jovens, crianças e jovens.



Imagem 15: vacinação de prevenção da gripe. Fonte: Juliana Borges

Iniciamos o mês de maio com uma péssima surpresa, no dia 14 de maio de 2020, foi descoberto em nossa aldeia o corpo de um indígena já em estado de decomposição, pois tinha dias que já havia falecido, talvez a morte tenha sido causada por excesso de bebida alcóolica, pois o sujeito já tinha sido diagnosticado com cirrose e não podia beber. Foi um momento muito difícil, pois estávamos tão cautelosos em relação a esse vírus, e esquecemos que existem outras formas de sermos tirados dessa terra, basta apenas Deus querer.

Devido estarmos sem as aulas escolares, e os alunos estarem sendo prejudicados, no dia 22 de maio de 2020 ocorreu uma reunião com corpo docente da escola sede para discutir sobre um novo planejamento de aulas para melhor funcionamento do retorno das

atividades escolares. Então ficou decidido que iríamos iniciar com PET (Plano de Estudo Tutorado). Assim resolvemos iniciar atividades mensais para entregar aos alunos, para que eles pudessem estar estudando de alguma forma, pois a proposta era que fizéssemos aulas online, mas nem todos os alunos têm condições de fazer uma aula virtual.

Passamos pelo mês de junho preocupados pois as notícias que chegavam sobre os avanços da pandemia não eram boas, ainda mais com o frio. Então passamos por ele somente nos resguardando e tomando os devidos cuidados.

No mês de julho já iniciamos com uma proposta de reunião com lideranças de todas as aldeias de Minas Gerais e representantes do distrito do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) de Minas Gerais e Espírito Santo. Foram três dias de reuniões com todos os cuidados, todos que vieram para a nossa aldeia, fizeram o teste de COVID-19. Na reunião foram tratados os assuntos sobre território, saúde e educação, temas que preocupam a todas as comunidades.



Imagem 16: reunião com lideranças. Fonte: Juliana Borges, 2020

Nos meses de agosto e setembro passamos bem, trabalhando individualmente cada um em suas hortas, roças e em outras coisas. Trabalhamos em roça comunitária e muito mais, ao tomarmos cuidado, cuidamos uns dos outros.

Então iniciou o mês de outubro, já iniciou com as discussões sobre as eleições que aconteceram em novembro. Participamos de comício e carreata, dois candidatos a vereador eram indígenas, um já é vereador faz algum tempo, o primeiro, Alexandre Pataxó, que também é vice cacique da minha aldeia Sede e o, segundo, Romildo Pataxó, cacique da aldeia Imbiruçu, onde ocorre a festa anual das águas no mês de outubro restrita aos moradores da aldeia, diferente de outros anos, antes da pandemia, que era aberta.

No mês de novembro, ocorreu a votação para vereador e prefeito do município, e para a nossa alegria, o candidato a prefeito que apoiamos ganhou e para completar a felicidade, os dois candidatos indígenas à vereadores ganharam também, é um deles ganhou em primeiro lugar.

O mês de dezembro foi somente agradecer a Deus por finalizarmos o ano sem nenhum caso de COVID-19 em nossa aldeia, triste por não podermos comemorar como todos os anos é feito, mas agradecidos, e com a esperança da chegada da vacina.

Ainda no final de 2020 conversei com uma pessoa da comunidade chamada Juliana Borges que permitiu que eu colocasse em meu trabalho o seu depoimento sobre um pouco do que ela passou no ano de 2020, ela e a família dela foram os primeiros a serem constatados como suspeitos de COVID-19 em nossa aldeia. Ela relatou que foi um período difícil para eles.

“nossa quarentena começou 27/08/2020 ano passado, acredito que fomos a primeira família a ficar suspeitos de COVID-19 na comunidade. A primeira pessoa da família a sentir os sintomas foi meu esposo, com dores no corpo e febre, então foi pedido o teste e logo depois minha filha que no momento estava com sete anos também começou apresentar alguns sintomas como coriza e febre, então foi o momento mais preocupante, assim que Edypo realizou o teste entramos em quarentena sem sair para lugar nenhum, o médico achou melhor o restante da família realizar o teste, só após o resultado do meu esposo e nisso eu e Sophya já estávamos passando mal e o único graças a Deus, que não sentiu nada foi o meu filho de 4 anos graças a Deus. O resultado demorava 7 dias e quando o resultado saiu deu inconclusivo e ficamos com aquela incerteza, por isso a importância de o teste ser feito na data certa. Os sintomas eram claros: coriza em todos nós, febre

somente em Edypo e Sophya, gripe, dores no corpo, dores de cabeça, cansaço acompanhado de fadiga. Ficamos assim por uns nove dias e nesse período tomamos bastante chá, água e nós cuidamos como deu, e digo que foram dias difíceis pelas dores, o medo de três pessoas da casa estarem sem nenhuma certeza ainda e com uma criança de 4 anos sendo o único que não apresentou nenhum sintoma. Por isso a importância de se cuidar e o uso de máscara e então conclusão: acredito que sim pegamos o vírus, mas sem nenhuma confirmação e um pouco de inexperiência da equipe de saúde que no momento, em que o teste deu inconclusivo deveria ter realizado um novo exame de COVID-19, mas graças a Deus, melhoramos sem precisar de ir ao médico, no final deu tudo certo” (Depoimento de Juliana Borges, Aldeia Sede, 2021).

Tempos de pandemia, o ano de 2021 e a chegada da vacina

Em janeiro de 2021 recebemos a notícia da vacina contra o COVID-19. Onde a população indígena seria um dos primeiros a serem imunizados no município, e com a chegada da vacina contra covid algumas pessoas ficaram com receio de tomá-la e acontecer algumas coisas devido aos boatos que as mídias e pessoas comentavam. Na aldeia sede a vacinação teve início no final de janeiro, onde só foram imunizados os adultos maiores de 18 anos com a primeira dose. Após a primeira dose da vacina, a Secretaria de Educação não autorizou que as aulas presenciais retornassem, pois, as crianças e os adolescentes não foram imunizados.



Imagem 17: vacinação contra o COVID-19. Fonte: Juliana Borges, 2021

Memórias do segundo ano de pandemia

Exatamente um ano após o fechamento da aldeia, no dia 19 de março de 2021, o que mais temíamos aconteceu, o vírus chegou a nossa aldeia com o primeiro caso positivo. E mais uma vez a comunidade ficou em alerta, em quarentena. Mas graças a

Deus e aos cuidados tomados não foram muitas pessoas que tiveram contato com a família, pois tinha pouco tempo que a família chegou de outra aldeia e já ficaram em isolamento.



Imagem 18: Ekewakã e Niotxarú fazendo bolhas de sabão com canudo de bambu. Fonte: Lárica Silva



Imagem 19: Van ensinando as crianças a fazerem uma arapuca. Fonte: Lárica Silva

Passando o tempo de quarentena dessa família, em uma reunião comunitária, decidimos que nosso povo estava precisando de um momento cultural, para estarmos buscando força e proteção, então iniciamos os trabalhos de limpeza e organização do nosso centro cultural.

Infelizmente depois de uma semana de trabalho, surgiu um novo caso em nossa aldeia. Com o surgimento desse caso positivo e de outros suspeitos, o jeito foi cancelar mais uma vez a nossa festa Awê Heruê Hun Niamissun. Portanto o futebol e aglomerações em igrejas e em outros locais da aldeia também foram suspensos.

Com os casos surgindo em nossa aldeia, eu e meu marido juntamente com um pequeno grupo de pessoas familiares, decidimos ficarmos um tempinho afastado da aldeia, e fomos para a nossa roça, pois fica um pouco afastada da comunidade. Durante esse tempo em que ficamos por lá foi um tempo bastante produtivo e de aprendizado para as nossas crianças que também foram conosco e aprenderam algumas brincadeiras que até então não sabiam e também aprenderam a fazer uma armadilha pequena para passarinho.



Imagem 20: fazendo arapuca. Fonte: Lária Silva, 2021



Imagem 21: arapuca para passarinho. Fonte: Lária Silva, 2021



Imagem 22: coando café no fogão à lenha. Fonte: Lária Silva, 2021



Imagem 23: Vanusa preparando a galinhada. Fonte: Lária Silva, 2021

Nessa temporada na roça, tivemos muitos momentos de aprendizagem, de compartilhamento, tranquilidade e talvez até mesmo de tentar vivenciar novamente, como

era os tempos antigos, sem água encanada, lavar vasilhas, tomar banho e buscar água no rio, preparar a comida no fogão a lenha, ficar em volta da fogueira proseando até mais tarde.

Esses foram nossos momentos dos meses de março e abril, onde encontramos uma solução para estarmos compartilhando um pouco do que sabemos para nossas crianças, bem como compensar o tempo em que estaríamos todos festejando com a comunidade a nossa festa Awê Heruê que não pode acontecer.



Imagem 24: crianças buscando água no rio. Fonte: Lária Silva, 2021

Mesmo com essa pandemia, tentamos ajudar nossos alunos com a entrega de atividades escolares mensais, quando surge algum caso suspeito, mantemos as restrições necessárias para não sermos contaminados. Tudo isso para os alunos não ficarem tão prejudicados por estarem tanto tempo fora da escola. Na entrega e recolhimento das atividades dos alunos pegamos a assinatura do responsável, para melhor administrar a entrega.



Imagem 25: mãe de aluno recebendo a atividade do filho. Fonte: Lária Silva, 2021

Esse período de pandemia tem sido muito difícil para nós povos indígenas pois acredito que não é só o povo Pataxó que tem o costume de sempre ir visitar os parentes, de fazer uma roda de conversa, fazer sempre um momento com toda a comunidade, e isso tudo não estamos podendo fazer, o povo indígena gosta de estar junto sempre, de se abraçar, manter o contato.

No mês de junho manifestações de todos os povos indígenas em seus municípios foram feitas em um ato contrário às novas regras de demarcação de terras previsto pelo projeto de lei 490 que já vêm tramitando no congresso desde 2017, todas as manifestações feitas principalmente em Brasília foram pacíficas. O PL 490 em si é um marco temporal onde só serão consideradas terras indígenas os lugares ocupados até o dia 5 de outubro de 1988, data da promulgação da última constituinte. Novas terras não serão demarcadas caso a lei seja aprovada e ficará proibida a ampliação das reservas indígenas já existentes, essa PL é um risco para nós povos indígenas, pois teremos o fim das demarcações de terras. Durante a votação da PL 490 não pudemos estar em Brasília mas juntamente com outras aldeias do município durante dois dias bloqueamos a BR120 próximo ao nosso município em apoio aos parentes que estavam em Brasília.



Imagem 26: manifestação contra a PL 490 na BR 120. Fonte: Valmores, 2021



Imagem 27: manifestação contra a PL 490 na BR 120. Fonte: Valmores, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi feito uma coleta de informações e experiências vividas durante um período de pandemia dentro da aldeia, uma pandemia que afetou de forma inédita boa parte do mundo. Em minha aldeia pude presenciar momentos da cultura que já não eram praticados por boa parte da comunidade, por exemplo a casa de barro ou pau a pique, como nós chamamos aqui. Tradicionalmente durante a construção de uma casa, um dos momentos mais esperados pela comunidade era o embarreio.

Assim como a casa de barro, a horta familiar também eram poucos os que cultivavam, como foi relatado durante o trabalho. Vi que muitas pessoas voltaram a cultivar suas hortas e suas roças, plantios pequenos, mas que poderiam ajudar em uma possível piora da pandemia.

O querer ajudar o próximo também se fez muito presente durante esse tempo de pandemia dentro da aldeia, como é mostrado na foto do chá de mulheres que foi realizado com a intenção de ajudar umas às outras, com palavras de conforto. O ajudar foi além do chá de mulheres realizado, não está registrado em fotos, mas sempre que pudemos ajudar uma família com maior número de pessoas dentro de casa, que nem sempre tem condições de manter a alimentação durante todo o mês, nós ajudamos de alguma forma. E esse é um mérito de nossa liderança que sempre pensa no bem-estar de todos da comunidade e tenta não deixar nenhuma família desamparada.

Os nossos anciãos são nossas relíquias mais sagradas, onde buscamos zelar e cuidar durante essa pandemia, até mesmo nossas crianças que não entendem muito do assunto, buscaram de alguma forma estar ajudando nesse cuidado com os idosos, evitando ir visitá-los e pegar na mão para pedir a benção.

Neste trabalho também foi registrado momento de reunião com lideranças do estado de Minas Gerais que buscam melhorias em relação à saúde indígena, a educação indígena, território e política indígena, que são os pontos onde mais sofremos retrocessos perante os governantes do país.

Um período importante que fez parte do meu trabalho, foi a tão esperada vacina, pois tivemos o privilégio de sermos os primeiros a serem vacinados, por sermos indígenas. Muitos boatos foram espalhados pelas mídias, e muitos de nossa aldeia estavam receosos de tomarem a vacina, mas a equipe de saúde, muito bem informada, pode nos explicar tudo e nos deixar mais tranquilos, para finalmente recebermos a imunização.

Poder ter o privilégio de morar em uma aldeia e poder contar um com os outros, poder nos reunir tomando os devidos cuidados é muito bom. Muitas outras aldeias de várias regiões do país não puderam viver tranquilos quanto nós, em nossa aldeia não tivemos nenhuma morte registrada por COVID-19, enquanto em outras tiveram, teve povo que até correram risco de extinção. O povo Pataxó teve muitas perdas devido a esse vírus, mas a sua maior parte de perda foi registrada no extremo sul da Bahia. Os números de indígenas contaminados e mortos registrados pela SESAI é bem menor do que realmente é registrado pela APIB, onde os números de mortos pela epidemia são bem maiores. A SESAI só registra indígenas que estão em terras demarcadas, o que dificulta o controle de números. A compilação de dados da APIB tem sido feita pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena e pelas Organizações Indígenas.

Todo o mundo está de certa forma vulnerável a esse vírus, mas de certa forma a população indígena encontra-se ainda mais vulnerável, pois ainda tem muitas aldeias e etnias com dificuldade de acesso a saúde, não tem uma equipe de saúde específica para aquele determinado grupo de indígena, muitos vivem em grupos na mesma casa, assim correndo mais risco de contaminação por trocas de utensílios.

Muitas pessoas têm que saírem de suas comodidades para irem em busca de alimentos, para trabalhar, e quando voltam às vezes nem sabem mas carregam o vírus para dentro de suas casas e aldeias, e isso torna uma contaminação em série. Isso tem acontecido em várias aldeias, trazendo várias perdas de familiares, idosos e crianças, são perdas significativas para cada povo.

Sofremos, portanto, muitos impactos por causa da COVID-19, além de perdas de crianças e anciãos, o afastamento social também vai contra o modo de vida indígena que é sempre estar em movimento. Mas por uma causa maior fez -se importante neste período de pandemia. Parcelas das comunidades vivem da venda de artesanatos e antes da pandemia também saiam para divulgar sua cultura e quando recebem visitantes na aldeia. Além do mais, com a chegada da pandemia houve uma alta gigantesca nos preços dos insumos agrícolas em geral, dificultando, portanto, a subsistência básica das comunidades.

O ritual Awê Heruê Hû Niamissû não aconteceu e vários encontros de lideranças indígenas não aconteceram com isto nosso povo vem enfrentando alguns retrocessos, principalmente no âmbito político-cultural. O ritual Awê Heruê é muito importante para nós, e isso de não podermos realizá-lo está gerando um impacto muito grande sobre a gente, pois temos o costume de sempre estar nos reunindo quando inicia o ano para os preparativos da nossa festividade anual. O objetivo do Awê Heruê é cuidar da vida da nossa comunidade, celebrando as conquistas, refletindo os retrocessos, lembrando os antepassados e fortalecendo as novas conquistas. Através dele passando para os nossos jovens e crianças o fortalecimento espiritual da comunidade envolvendo pinturas corporais, “que significa a união espiritual com Deus” e algumas modalidades indígenas, danças, brincadeiras etc.

O impacto na cultura tem sido muito grande dentro de nossa comunidade, acredito que também em outras comunidades, pois com a orientação de distanciamento social, não podemos realizar nossos momentos culturais, como as fogueiras, almoços e noites culturais com toda comunidade. Esses momentos culturais que antes já não estavam

sendo feitos com tanta frequência, agora fomos obrigados a parar de vez, e isso é uma preocupação muito grande das pessoas mais velhas da aldeia, pois estão vendo cada vez mais seus jovens adormecendo culturalmente.

Além da equipe de saúde orientar toda a comunidade, da importância do uso de máscara, uso do álcool em gel e higienização das coisas e produtos que recebemos em nossas casas, a equipe de saúde distribuiu álcool em gel nas comunidades, kits de limpeza (cloro, sabão em barra, sabonetes e sabão em pó). Foram feitos com as crianças da aldeia vídeos onde era orientado sobre como agir diante dessa pandemia, onde as crianças falavam sobre a importância do distanciamento social, uso da máscara, uso do álcool em gel e principalmente o cuidado com nossos anciãos. Cartazes foram feitos por professores da escola, para serem expostos no posto de saúde, também para orientação dos cuidados básicos.

O uso de máscara e álcool em gel se tornaram constante em nossas vidas desde o início da pandemia, onde vamos carregamos conosco nossa máscara e o vidrinho com álcool, tentamos sempre manter o distanciamento social em locais públicos, como em mercados e hospitais, pois é onde, mais vamos durante esse tempo. Buscamos tentar não sair muito da aldeia. Sempre que recebemos encomendas e pessoas em nossas casas, pedimos que usem a sua máscara e que utilizem o álcool, também fazemos a higienização dos produtos que recebemos (compras e doações).

Mesmo após a vacina, não estamos imunes a este vírus, e isso é uma preocupação de todos, pois temos medo não só por nós, mas toda população mundial, principalmente pela população de idosos que temos maior respeito, eles são nossa fonte de conhecimento e sabedoria que não podemos perder. Muitos não estavam acreditando que esse vírus poderia matar e atingir tanto da forma que atingiu, e ainda continuam com esse pensamento. Muitos acreditam que tomando essa vacina já podem sair por aí, para curtirem a vida do mesmo jeito que era antes.

Não... nossas vidas jamais será a mesma depois dessa pandemia, nossa vida jamais será a mesma depois de tantas perdas, não só perdas de entes queridos, familiares, mas perdas também de momentos...

Podemos concluir dizendo que a epidemia veio para destruir toda uma nação, mas que muitos tiraram disso um aprendizado para a vida, muitos povos indígenas foram massacrados por tal, outros se fortaleceram ainda mais. Essa pesquisa para mim foi um imenso aprendizado, com meu próprio povo, uma troca de saberes e conhecimento

imenso que às vezes era passado sem nem mesmo perceber. Terminei meu percurso com o seguinte pensamento pataxó: “A maior riqueza pataxó é o conhecimento passado pelos nossos sábios para nossas crianças”.